

# Poesia



LETRAS  
B869.1  
P745  
2007

N.Cham. B869.1 P745 2007

Título: Poesia : para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir - .



346041003  
493567

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS**

**Diretor: Jacyntho José Lins Brandão**

**Vice-Diretor: Wander Emediato de Souza**

**PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
A TELA E O TEXTO**

**Coordenação: Maria Antonieta Pereira**

**LINHA EDITORIAL TELA E TEXTO**

**Coordenação: Maria José de Castro Alves**

**ORGANIZAÇÃO E REVISÃO**

**Maria José de Castro Alves**

**Gerlane Roberta de Oliveira (Subcoordenação da Linha Editorial)**

**Leirilane dos Santos Mendes (Revisão e Distribuição)**

**Maria Magda de Lima Santiago (revisão e atualização da web)**

**Vitória Régia de Castro Alves Lima (Revisão e Distribuição)**

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

**Bruno Marcos Costa Oliveira**

**Cristiano Pereira da Silva**

**Danilo Barros**

**ILUSTRAÇÃO**

**Milton Lira / 09, 30, 52, 62**

**Renata Pedrosa Barbosa / 26**

**Simon Pedro Brethé / capa**

**2ª edição  
2007**

# Sumário

U.F.M.G - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



346041003

NÃO DANIFIQUE ESSA ETIQUETA



## Apresentação

Caro Leitor - 06

## Afazeres

*Soneto sertanejo*, Jorge F. dos Santos - 10

*As lavadeiras*, Ronald Claver - 11

## Tempos e Lugares

*Ampulheta*, Jorge F. dos Santos - 13

*Canção do exílio*, Gonçalves Dias - 14

*Itinga*, Ronald Claver - 16

*O rio*, Olavo Bilac - 17

*Poema cinematográfico*, Gilbert Daniel - 21

"No relâmpago dos olhos", Ronald Claver - 22

*Os decotes nos ônibus*, Gilbert Daniel - 23

"não faço pouco caso", Bruno Brum - 24

*Remanso*, Ronald Claver - 25

*A teia*, Jorge F. dos Santos - 27

*Poética*, Gilbert Daniel - 28

493567

## *Incertezas*

- "chove", Bruno Brum - 30  
"essa impressão", Bruno Brum - 31

## *Femininos*

- O Adeus de Teresa*, Castro Alves - 34  
*Meninas de Minas*, Elizabeth M. F. Teixeira - 36  
*O Gondoleiro do Amor*, Castro Alves - 37  
*Simples*, Jussara Santos - 40  
*Não me deixes*, Gonçalves Dias - 41  
*Claro Escuro*, Jussara Santos - 43  
*Ismália*, Alphonsus de Guimaraens - 44  
*Lira XV*, Tomás Antônio Gonzaga - 46  
*Poeminha da Bárbara*, Jorge F. dos Santos - 50  
"Anjo no nome, ...", Gregório de Matos - 51  
*Barca bela*, Almeida Garrett - 52  
*Hiato*, Lenise - 54

ao de Letra

Biblioteca Universitária  
17 / 08 / 2010  
3460410-03

SEMPRE  
BIBLIOTECA  
UNIVERSITÁRIA  
S





# Sumário

## Eu e Poesia

*7 vidas*, Lenise - 56

*Trindade*, Jorge F. dos Santos - 58

*Over dose*, Lenise - 59

"sinto a fome de mundos", Júlio César - 60

*O assinalado*, Cruz e Souza - 61

"como disse o filósofo...", Bruno Brum - 62

*Palavra de Mulher*, M<sup>a</sup> Helena Camargos Moreira - 63

"E por que sentia ódio...", Júlio César - 64

*Pele*, Elizabeth M. F. Teixeira - 65

## Êxtases

"Amor é um fogo ...", Luís Vaz de Camões - 67

*Cantares de Salomão* (fragmentos) - 68

Caro(a) leitor(a),

Desde 1998, trabalhamos com projetos de leitura voltados para a população de baixa renda, no âmbito do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão *A tela e o texto* da Faculdade de Letras da UFMG. Nessa trajetória, percebemos que uma das causas dos baixos níveis de leitura da população brasileira é sua dificuldade de comprar livros, devido ao alto custo que estes, em geral, apresentam. Assim, resolvemos criar a Linha Editorial Tela e Texto, com base na experiência do *Projeto Leitura para todos*, que, desde 2004, divulga textos da Literatura Brasileira nos ônibus de Belo Horizonte, em parceria com a BHTRANS. O objetivo da Linha Editorial Tela e Texto é publicar um livro barato, cuja venda permita o financiamento de outro livro e assim sucessivamente, de forma a permitir que estudantes, trabalhadores, desempregados, donas de casa e a população em geral tenham acesso às obras da Literatura Brasileira. Essa idéia ganhou força com o apoio da Faculdade de Letras da UFMG e do Centro de Convergência de Novas Mídias.

Para obter um livro barato, criamos uma rede de trabalho coletivo e voluntário, em que todos os participantes — poetas, comissão editorial, responsáveis pelo projeto gráfico e ilustradores — cederam os direitos de seus textos e de seu trabalho. O preço de custo de cada exemplar é R\$1,79 (um real e setenta e nove centavos). Foram impressos 500 (quinhentos) exemplares com financiamento dos membros do Programa A tela e o texto e do Centro de Convergência de Novas Mídias. Cada livro está sendo vendido a R\$ 1,99 (um real e noventa e nove centavos) para que seja possível criar um *Fundo do Livro* que permita a publicação de novas obras de baixo custo. Cada poeta e ilustrador participante desta coletânea terá direito a receber gratuitamente 2 (dois) exemplares. Haverá prestação mensal de contas da Linha Editorial Tela e Texto na página do Programa ([www.letras.ufmg.br/atelaetexto](http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto)).

Na escolha dos poemas, procuramos contemplar autores já consagrados pelos leitores brasileiros, poetas desconhecidos do grande público e participantes do *Projeto Leitura para todos* agrupando os textos de acordo com o assunto. Muitos poemas desta

antologia, sobretudo aqueles criados pelos autores tradicionais, podem ser encontrados em [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br) e também nas Bibliotecas Públicas e Comunitárias de Belo Horizonte.

Contamos com seu apoio para divulgar nossa Literatura e lhe desejamos uma boa leitura!

**Equipe da Linha Editorial Tela e Texto  
Belo Horizonte, dezembro de 2005.**



**a tela  
e o texto**

**Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão  
*A tela e o texto***

**Faculdade de Letras / UFMG**

**Telefone (31) 3499-6054**

**[www.lettras.ufmg.br/atelaetexto](http://www.lettras.ufmg.br/atelaetexto)**

**[telatexto@ufmg.br](mailto:telatexto@ufmg.br)**

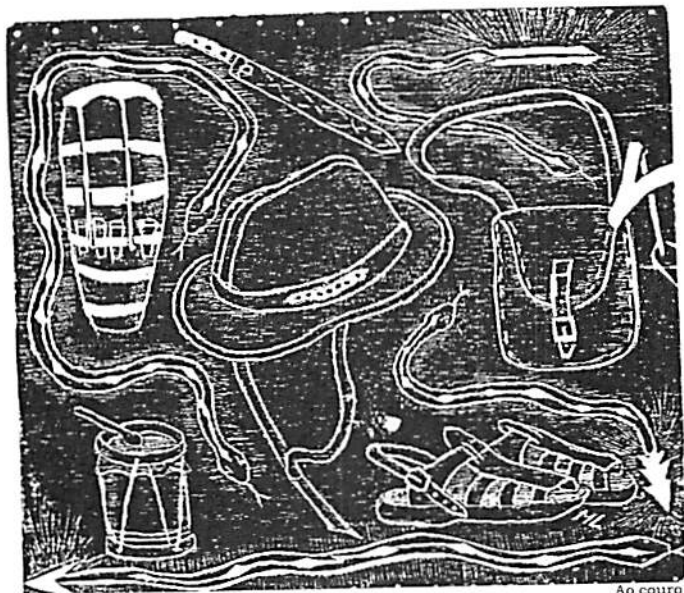
**Registro SIEX no. 10.416**

**Registro na Biblioteca Nacional no. 318.742**

**Registro no INPI 20040B900086**




# AFAZERES



Ao couro

# AFAZERES



Jorge Fernando dos Santos

# Afazeres

## Soneto Sertanejo


"Sertão é dentro da gente" \*  
Ser tão sozinho me dói  
Rio que já fez enchente  
A seca hoje corrói

Na seara desta vida  
Ceará é o meu Saara  
Um mar de areia moída  
Que o vento sopra e não pára

Peixe não é passarinho  
Se tropeço numa pedra  
Dessas que têm no caminho

Lembro a navalha e a seda  
Iguais à flor e ao espinho  
Margens da mesma vereda

\* Apud Guimarães Rosa



Ronald Claver

# Afazeres

## As lavadeiras

As lavadeiras têm um corpo mineral  
E feminino é o corpo que se alonga  
Em meandros

O corpo das lavadeiras é um rio de  
[viajar


A carne  
De viajar os olhos, de viajar as mãos,  
A pele

As lavadeiras  
Lavam nossas sujeiras e pecados

Nas pedras  
Estendem nossos trapos  
E nossos corpos formam  
Um colorido mosaico

TEMPOS


LOCALES



Jorge Fernando dos Santos

Tempos e Lugares  
*Ampulheta*

Cai a areia  
grão a grão  
gota a  
gota  
vai  
a  
vida  
ávida de  
vinho e pão  
escoa, esvai



Gonçalves Dias

Tempos e Lugares  
*Canção do exílio*

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.


Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Tempos e Lugares

UFMG - Faculdade de Letras  
BIBLIOTECA





Ronald Claver

Tempos e Lugares  
*Slinga*

O Rio Jequitinhonha divide  
O coração da Cidade  
De um lado o remo, o barco, o  
[barqueiro  
E a esperança da travessia  
De outro a vida atravessada





Olavo Bilac

## O rio

Da mata no seio umbroso,  
No verde seio da serra,  
Nasce o rio generoso,  
Que é a providência da terra.

Nasce humilde; e, pequenino,  
Foge ao sol abrasador;  
É um fio d'água, tão fino,  
Que desliza sem rumor.

Entre as pedras se insinua,  
Ganha corpo, abre caminho,  
Já canta, já tumultua,  
Num alegre borburinho.

Agora ao sol, que o prateia,  
Todo se entrega, a sorrir;  
Avança, as rochas ladeia,  
Some-se, torna a surgir.

Recebe outras águas, desce  
As encostas de uma em uma,  
Engrossa as vagas, e cresce,  
Galga os penedos, e espuma.

Agora, indômito e ousado,  
Transpõe furnas e grotões,  
Vence abismos, despenhado  
Em saltos e cachoeirões.

E corre, galopa, cheio  
De força; de vaga em vaga,  
Chega ao vale, alarga o seio,  
Cava a terra, o campo alaga . . .

Expande-se, abre-se, ingente,  
Por cem léguas, a cantar,  
Até que cai finalmente,  
No seio vasto do mar . . .



Mas na triunfal majestade  
Dessa marcha vitoriosa,  
Quanto amor, quanta bondade  
Na sua alma generosa!

A cada passo que dava  
O nobre rio, feliz  
Mais uma árvore criava,  
Dando vida a uma raiz.

Quantas dádivas e quantas  
Esmolas pelos caminhos!  
Matava a sede das plantas  
E a sede dos passarinhos . . .

Fonte de força e fartura,  
Foi bem, foi saúde e pão:  
Dava às cidades frescura,  
Fecundidade ao sertão . . .

Tempos e Lugares



E um nobre exemplo sadio  
Nas suas águas se encerra;  
Devemos ser como o rio,  
Que é a providência da terra:

Bendito aquele que é forte,  
E desconhece o rancor,  
E, em vez de servir a morte,  
Ama a vida, e serve o Amor!

Tempos e Lugares





Gilbert Daniel

Tempos e Lugares  
*Poema cinematográfico*

o netinho perguntou:

“vô! que é poesia?”


os olhos do velhinho:

“poesia é...”

e com os dedos ele apontou o

[Edifício JK que veloz e infinito


passava pelas janelas do ônibus



Ronald Claver

# Tempos e Lugares

No relâmpago dos olhos  
O Jequitinhonha  
É promessa no coração  
Café, aperto de mão  
Chapéu, olhar de soslaio  
Reza, bandeira, bastão  
Feira, bengala, balaio  
Este povo assim  
Calado, manso  
É como a dinamite  
Um dia explode

A large, intricate black decorative flourish with swirling, scroll-like patterns on the left side of the page, partially overlapping the title.

Gilbert Daniel

Tempos e Lugares  
*Os decotes nos ônibus*

camisa que envolve um seio  
carne que abriga um desejo  
o seio  
seio do desejo




Bruno Brum

# Tempos e Lugares

não faço pouco caso  
desses cacos que cato  
às vezes até me corto  
nesses desacatos  
ou então levo choques  
e me tombo com o baque  
mas depois junto tudo  
tomo logo o meu rumo  
aí faço o meu rock  
com frases de pára-choque  
me desligo  
me descuido  
me perco num segundo  
vim de longe  
sou um qualquer  
peço carona pra quem vai a pé





Ronald Claver

# Tempos e Lugares

## Remanso

Dois rios na monotonia da geografia  
Desenham no mapa itinerário das  
[ águas  
A paisagem não é de violência antes  
[ de

Fome, confluência

CONVERSAM:

“O CORPO É UM LAGO

PARA SER ALAGADO”

— e assim deitado, espreado e

[tonto  
tento permanecer no teu corpo

[tanto  
“O CORPO É UM RIO PARA SER

[INUNDADO”

— e tento cobrir este teu corpo de

[sede

tanta e vária


“O MAR É UM CORPO

PARA SER TRANSBORDADO”

— e te cubro e enovelo neste leito aquoso  
e te inundo de meu ser poroso  
“O CORPO É UM AFLUENTE  
PARA SER DOMADO”  
— e bebendo de sua boca  
as palavras, te respondo:  
O CORPO É UM BRAÇO DE RIO  
UM LANCE DE ÁGUA, UMA PEDRA  
UMA QUEDA  
E NESTE INSTANTE ME LANÇO  
E ME QUEDO MANSO COMO RIACHO  
NO TEU REMANSO  
E RIO E RIO CONTINUAM A GEOGRAFIA  
COMO UMA CANOA COMPRIDA E LONGA

Tempos e Lugares





Jorge Fernando dos Santos

# Tempos e Lugares


## A teia

O tempo tece a teia  
feito aranha invisível,  
e quando se vê preso  
no seu próprio fio,  
a si mesmo se desfia  
num gesto intraduzível.  
O tempo é Penélope:  
à noite desfaz o que fez de dia.  
Sua espera é para sempre  
e, enquanto espera, fia.



Gilbert Daniel

Tempos e Lugares  
Poesia



A poesia espalhada pelo mundo  
pelo horizonte  
tão evidente  
na bala colorida  
no obelisco da Praça 7  
nos prédios cheios de vidas humanas  
na multidão  
nos elevadores com cheiro de mofo  
nos automóveis parados no [semáforo  
a poesia está nas gentes  
não só em livros de poemas  
sobretudo  
aqui  
entre elevados e nuvens  
avenidas e sorrisos  
a poesia é o sentimento

# Incertezas






Bruno Brum

# Incertezas

chove  
(ou será alguém aguando o mundo?)  
chove  
(ou será alguém que chora muito?)  
chove  
(ou será alguém com seu descuido?)  
chove  
(ou será alguém cuspiendo tudo?)  
chove  
(ou será alguém chovendo junto?)



Bruno Brum

# Incertezas

essa impressão  
de que nunca acaba  
essa impressão  
de que nunca chega  
essa impressão  
de que nunca enche  
essa impressão  
de que nunca fica  
essa impressão  
de que nunca cabe  
essa impressão  
de que nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca

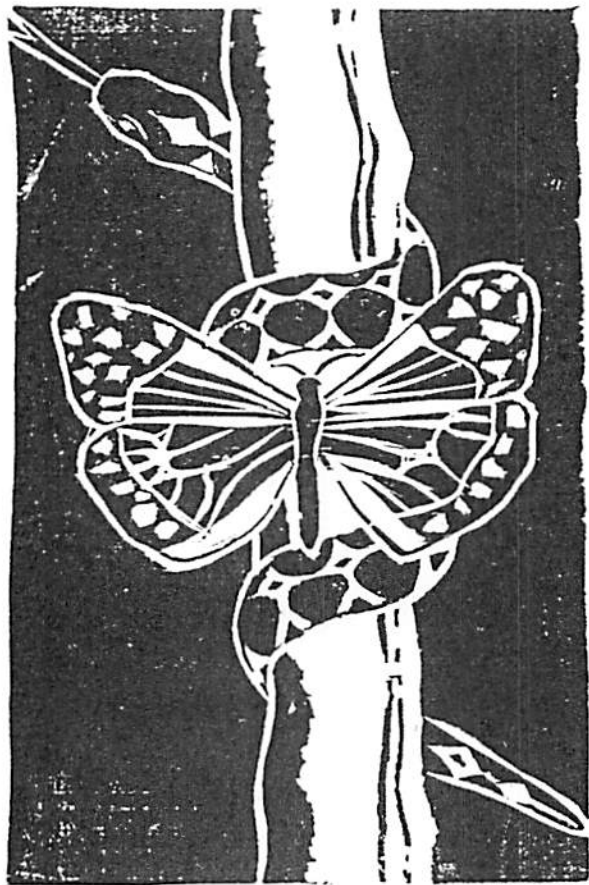
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca  
nunca

Incertezas






Femininos



oxum oxumare

Femininos



Castro Alves

# Femininos

## O Adeus de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,  
Como as plantas que arrasta a

[correnteza,  
A valsa nos levou nos giros seus . . .  
E amamos juntos . . . E depois na

[sala  
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a  
[fala . . .

E ela, corando, murmurou-me:  
["adeus".

Uma noite. . . entreabriu-se um  
[reposteiro . . .  
E da alcova saía um cavaleiro  
Inda beijando uma mulher sem  
[véus . . .  
Era eu . . . Era a pálida Teresa!  
"Adeus" lhe disse conservando-a  
[presa . . .

E ela entre beijos murmurou-me:

["adeus!"

Passaram tempos . . . séc'los de delírio  
Prazeres divinais . . . gozos do Empíreo . . .  
. . . Mas um dia volvi aos lares meus.  
Partindo eu disse "Voltarei! . . . descansa! . . ."  
Ela, chorando mais que uma criança.

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei . . . era o palácio em festa! . . .  
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra  
Preenchiam de amor o azul dos céus.  
Entrei! . . . Ela me olhou branca . . . surpresa!  
Foi a última vez que eu vi Teresa! . . .

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Femininos






Elizabeth M. F. Teixeira

# Femininos

## Meninas de Minas

As meninas de Minas são recatadas  
Mas lúdicas.  
As outras são lúcidas.  
As meninas de Minas são pálidas.  
As meninas de Minas  
Trazem rosários no peito.  
As meninas de Minas  
Tiram poemas dos seios.  
As meninas de Minas  
Recitam de mãos pra trás  
E as outras riem.  
As meninas de Minas  
Têm uma sina,  
As outras, futuro.  
As meninas de Minas  
Às vezes suspiram rasgado...  
Eu não sei porquê.



Castro Alves

# Femininos

## O Gondoleiro do Amor

BARCAROLA

DAMA-NEGRA

Teus olhos são negros, negros,  
Como as noites sem luar...  
São ardentes, são profundos,  
Como o negrume do mar;

Sobre o barco dos amores,  
Da vida boiando à flor,  
Douram teus olhos a fronte  
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é cavatina  
Dos palácios de Sorrento,  
Quando a praia beija a vaga,  
Quando a vaga beija o vento.

E como em noites de Itália  
Ama um canto o pescador,  
Bebe a harmonia em teus cantos  
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora  
Que o horizonte enrubesceu,  
—Rosa aberta com o biquinho  
Das aves rubras do céu;

Nas tempestades da vida  
Das rajadas no furor,  
Foi-se a noite, tem auroras  
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada  
Ao túbio clarão da lua,  
Que, ao murmúrio das volúpias,  
Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,  
Do teu colo no langor  
Vogar, naufragar, perder-se  
O Gondoleiro do amor!?

Femininos




Teu amor na treva é — um astro,  
No silêncio uma canção,  
É brisa — nas calmarias,  
É abrigo — no tufão;

Por isso eu te amo, querida,  
Quer no prazer, quer na dor... Rosa!  
Canto! Sombra! Estrela!  
Do Gondoleiro do amor.

Femininos





Jussara Santos

# Femininos *Simples*

vinte e três horas  
eu apressada,  
cabelo por cortar,  
salto do sapato,  
amor  
não repara...  
desço,  
rua precipitada,  
meia desfiada,  
gota a mais de perfume,  
soutien esfarrapado,  
amor reparou!





Gonçalves Dias

# Femininos

## *Não me deixes*

Debruçada nas águas dum regato  
A flor dizia em vão  
À corrente, onde bela se mirava...  
“Ai, não me deixes, não!”

Comigo fica ou leva-me contigo  
Dos mares à amplidão;  
Límpido ou turvo, te amarei  
[constante:  
Mas não me deixes, não!”

E a corrente passava; novas águas  
Após as outras vão  
E a flor sempre a dizer curva na  
[fonte:  
“Ai, não me deixes, não!”


E das águas que fogem incessantes  
À eterna sucessão  
Dizia sempre a flor, e sempre  
[embalde:  
“Ai, não me deixes, não!”

Por fim desfalecida e a cor murchada,  
Quase a lamber o chão,  
Buscava inda a corrente por dizer-lhe  
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,  
Leva-a do seu torrão;  
A afundar-se dizia a pobrezinha:  
“Não me deixaste, não!”

Femininos





Jussara Santos

# Femininos


Máquina de fiar  
Canto da sala  
Feminino novo  
Novilho  
Lã.

Acendo uma vela  
e saio a procurar navios  
eu que não sou de mar  
mareio as marés.

## Claro Escuro

rua clara  
lua rara

**rua escura  
lua nua**



Alphonsus de Guimaraens

# Femininos

## Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...


E, no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

Femininos





Tomás Antônio Gonzaga

# Femininos

Lira X<sup>o</sup>

Eu, Marília, não fui nenhum  
[Vaqueiro,  
Fui honrado Pastor da tua aldeia;  
Vestia finas lãs, e tinha sempre  
A minha choça do preciso cheia.  
Tiraram-me o casal, e o manso gado,  
Nem tenho, a que me encoste, um só  
[cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria  
De mor rebanho ainda ser o dono;  
Prezava o teu semblante, os teus  
[cabelos  
Ainda muito mais que um grande  
[Trono.  
Agora que te oferte já não vejo  
Além de um puro amor, de um são  
[desejo.

Se o rio levantado me causava,  
Levando a sementeira, prejuízo,  
Eu alegre ficava apenas via

Na tua breve boca um ar de riso.  
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto  
De ver-te aos menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida sesta,  
Escrever teus louvores nos olmeiros,  
Toucar-te de papoulas na floresta.  
Julgou o justo Céu, que não convinha  
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha Bela, se a Fortuna volta,  
Se o bem, que já perdi, alcanço, e provo;  
Por essas brancas mãos, por essas faces  
Te juro renascer um homem novo;  
Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,  
Amar no Céu a Jove, e a ti na terra.

Femininos



Fiadas comprarei as ovelhinhas,  
Que pagarei dos poucos do meu ganho;  
E dentro em pouco tempo nos veremos  
Senhores outra vez de um bom rebanho.  
Para o contágio lhe não dar, sobeja  
Que as afague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e peles finas,  
Podem mui bem cobrir as carnes nossas  
As peles dos cordeiros mal curtidas,  
E os panos feitos com as lãs mais grossas.  
Mas ao menos será o teu vestido  
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta  
Com canas, e com cestos os peixinhos:  
Nós iremos caçar nas manhãs frias

Femininos






Com a vara envisgada os passarinhos.  
Para nos divertir faremos quanto  
Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos  
C'os filhos, se os tivermos, à fogueira;  
Entre as falsas histórias, que contares,  
Lhes contarás a minha verdadeira.  
Pasmados te ouvirão; eu entretanto  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,  
Nos mostrarão c'o dedo os mais Pastores;  
Dizendo uns para os outros: "Olha os nossos  
Exemplos da desgraça, e são amores".  
Contentes viveremos desta sorte,  
Até que chegue a um dos dois a morte.

Femininos





Jorge Fernando dos Santos

# Femininos


## Poeminha da Bárbara

O pé de abóbora da Bárbara  
Dá de tudo, menos abóbora

Dá laranja, banana e limão  
Abacate, manga-rosa e mamão

Dá batata, cenoura e melão  
Beterraba, couve-flor e agrião

Dá de tudo, menos abóbora  
O pé de abóbora da Bárbara.



Gregório de Matos

# Femininos

Anjo no nome, Angélica na cara,  
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,  
Ser Angélica flor, e Anjo florente  
Em quem, senão em vós se  
[uniformara?

Quem veria uma flor, que a não  
[cortara  
De verde pé, de rama florescente?  
E quem um Anjo vira tão luzente,  
Que por Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,  
Fôreis o meu Custódio, e minha  
[guarda,  
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão  
[galharda,  
Posto que os Anjos nunca dão  
[pesares  
Sois Anjo, que me tenta, e não me  
[guarda.

# Femininos

*Barca bela*

Pescador da barca bela,  
Onde vás pescar com ela  
Que é tão bela,  
Ó pescador?

Não vês que a última estrela  
No céu nublado se vela?  
Colhe a vela,  
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela,  
Que a sereia canta bela...  
Mas cautela,  
Ó pescador!

Não se enrede a rede nela,  
Que perdido é remo e vela  
Só de vê-la,  
Ó pescador.

Pescador da barca bela,  
Inda é tempo, foge dela,  
Foge dela,  
Ó pescador!

Femininos



A large, intricate black and white decorative flourish on the left side of the page, featuring swirling lines and loops that extend towards the center.

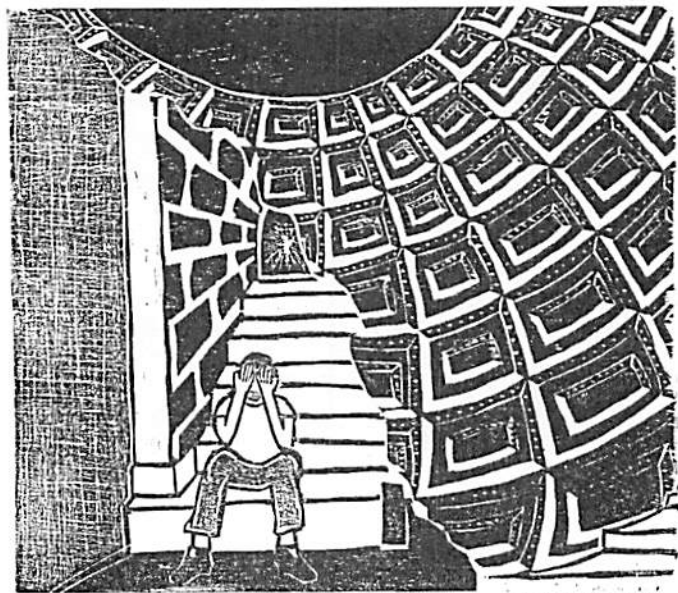
Lenise

# Femininos

*Hiato*

Feitura de intervalo  
buraco de tiro  
de vagina  
de olho com sol  
de dor que trespassa.  
que aparta  
que estica.  
ontem desfeitos os castelos areia  
nos olhos,  
salmoura n'água.  
casca dura  
subcutânea cicatriz impressa  
em gramatura 120  
preto marrom branco  
delicadamente cuspidos  
nos preâmbulos dos lugares de  
sempre aqui.

# Eu e Poesia



Pode apagar o fogo

EN GLOBGSIQ



Lenise

# Eu e Poesia

*7 vidas*


cole  
a  
boca  
ao  
meu  
poema  
e  
retenha  
na  
língua  
a  
superfície  
áspera  
dessa  
palavra  
sem polimento  
sem  
teflon  
com



arestas  
nas  
nesgas  
sempre  
pronta  
a  
escalar  
muros  
e


cair de costas.





Jorge Fernando dos Santos

Entre Poesia  
Trindade



O caminho  
A pedra  
O poeta

O poeta  
A pedra  
O caminho

A pedra  
O caminho  
O poeta

Passarão caminhos  
Pedras e poetas  
Mas aquele caminho  
Aquele poeta  
Aquele poeta  
Não




Lenise



Eu e Poesia

*Over dose*



agora se mostra em lugares  
de pernas e gozos  
entre o liso  
e a aspereza do toque.  
projeta-se em espelhos  
nas proteções de tela.  
desnuda-se do caroço  
em alta resolução  
eu.  
onde não se lê.  
incrustado em linhas



Júlio César

# Eu e Poesia

sinto a fome de mundos,  
o ausente da casa de todos os tempos  
e aquela voz que dizia que tudo ia  
[passa

que não sentiria mais medo.  
essa voz se perdeu  
e ainda que,  
passos perdidos,  
as ruas estreitas do lugarespaço,  
a primeira imagem,  
o resplendor dos olhos em sol,  
abria o céu  
e o que caía não cabia nos cestos  
e tínhamos tanta fome  
de universos paralelos  
e de palavras-vida,  
mas era tudo o não.



Cruz e Sousa

# Eu e Poesia

## O assinalado

Tu és o louco da imortal loucura  
O louco da loucura mais suprema,  
A terra é sempre a tua negra algema,  
Prende-te nela a extrema  
[Desventura.

Mas essa mesma algema de  
[amargura,  
Mas essa mesma Desventura  
[extrema  
Faz que tu'alma suplicando gema  
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado  
Que povoas o mundo despovoado,  
De belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica  
Toda a audácia dos nervos justifica  
Os teus espasmos imortais de louco!



Bruno Brum


# Eu e Poesia

como disse o filósofo... ou seria o  
[poeta?

o filólogo, o análogo?  
está na boca do povo  
está na boca de deus  
mas como eu ia dizendo  
assim estava escrito  
quem disse isso foi um anônimo  
um reles heterônimo  
alguém que passava e notou  
o que agora repito  
sem tirar nem por  
são as palavras de um profeta  
que mácula alguma deleta  
foi o que ouvi dizer  
com todas as letras  
com todos os pontos  
são as palavras de um junkie

[tibetano

de um bárbaro tonto  
com todos os números  
de um longo interurbano  
foi o que disse o pateta... ou seria  
[um engano?



Maria Helena Camargos Moreira

# É e Poesia

## Palavra de mulher

Palavra de mulher é gotejada  
Letra a letra  
De suor e brita  
De labuta e sangue  
Jamais nasce pronta  
Palavra de mulher é escavada  
Sob montanhas no fundo  
Entre seixos pontiagudos  
Vai brotando miúda  
Feito olho d'água  
Pontilhando atalhos  
Pouco a pouco formando um caudal  
Inunda o mundo:  
Palavra de mulher!



Júlio César

# Eu e Poesia

E por que sentia ódio em cada

[silêncio

Por que decidiu apenas não dizer,

Fiz morrer-me

E depois dos tempos das palavras

[sem tempo

quis matar-me.

não havia tempo.

tentou ser homem ante o fogo,

quis dançar,

quis sofrer,

quis calar o que não diz

furor imenso para as gotas de álcool

e ainda sim, nada podia parar a

[distância





Elizabeth M. F. Teixeira

# Uma Poesia


Os sentimentos  
Têm vida própria  
E escrevem sua história  
Em minha pele.  
Onomatopéias,  
Metáforas...  
Criam enigmas,  
Mandam mensagens,  
Fazem tatuagens.  
Páginas e páginas  
De fina textura  
Colam-se à minha pele.  
Sou um livro que anda  
E enuncia enigmas  
Parto de uma história  
Que se auto-explica.  
Majestosa,  
Caminho entre os signos:  
Um mastro, um sino,  
Um barco,  
E esta porcelana aos pedaços...

# Êxtases



O encontro

# Êxtases



Luís Vaz de Camões

# Êxtases

Amor é um fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem  
[querer;  
É um andar solitário entre gente;  
É nunca contentar-se de contente;  
É um cuidar que ganha em se  
[perder;

É querer estar preso por vontade;  
É servir a quem vence, o vencedor;  
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo  
[amor?



# Êxtases

## Cantares de Salomão

(fragmentos)

Beije-me ele com os beijos da sua  
[boca;  
porque melhor é o seu amor do que  
[o vinho.

Para cheirar são bons os seus  
[ungüentos;  
como unguento derramado é o teu  
[nome;  
por isso as virgens te amam.

O meu amado é para mim um  
[ramalhete de mirra;  
morará entre os meus seios.

Como um cacho de Chipre nas  
[vinhas de En-Gedi  
é para mim o meu amado.

Eis que és formosa, ó amiga minha,  
eis que és formosa; os teus olhos  
são como os das pombas.

Eis que és gentil e agradável, ó  
[amado meu;

O nosso leito é viçoso.

Qual o lírio entre os espinhos,

tal é a minha amiga entre as filhas.  
Sustentai-me com passas, confortai-me com  
maçãs  
porque desfaleço de amor.  
A sua mão esquerda esteja debaixo da minha  
cabeça,  
e a sua mão direita me abrace.  
O meu amado fala e me diz: Levanta-te,  
amiga minha,  
formosa minha, e vem.  
Quem é esta que sobe do deserto,  
como colunas de fumo, perfumada de mirra,  
de incenso, e de toda a sorte de pós  
aromáticos?  
Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, que, se  
achardes o meu amado, lhe digais que estou  
enferma de amor.

Êxtases



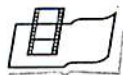
*para ler no ônibus,  
em casa, no trabalho,  
na escola, quando for dormir...*

## Poética

*A poesia espalhada pelo mundo  
pelo horizonte  
tão evidente  
na bala colorida  
no obelisco da Praça 7  
nos prédios cheios de vidas humanas  
na multidão  
nos elevadores com cheiro de mofo  
nos automóveis parados no semáforo  
a poesia está nas gentes  
não só em livros de poemas  
sobretudo  
aqui  
entre elevados e nuvens  
avenidas e sorrisos  
a poesia é o sentimento*

*Gilbert Daniel*

Realização



a tela  
e o texto

FALE  
CVTE

